

Ilustração Botânica

princípios e métodos



Diana Carneiro

Nota da Autora

Uma das primeiras manifestações da minha paixão pela imagem impressa foi a criação, ainda na infância, de uma coleção de cartões, recortes de revistas e toda a sorte de estampas estrangeiras que eu tentava, febrilmente, reproduzir, uma vez que o desenho já despontava como atividade preferida. Na década de 1960 tive os primeiros contatos com a pintura naturalista através das reproduções dos irmãos Demonte, onde beija-flores, orquídeas e bromélias se apresentavam com magistral desenvoltura. Também me fascinavam as lindas pranchas ilustradas em bico-de-pena nos livros do Instituto de Botânica de São Paulo. Mesmo tendo percepção e sensibilidade estéticas já desenvolvidas, construí minha formação acadêmica em Ciências Biológicas, procurando aliar o conhecimento científico à observação das formas e cores da natureza. Mal sabia, na época, que eu estava trilhando o caminho mais direto para quem um dia se tornaria uma ilustradora científica.

Ao longo dos vinte e cinco anos no magistério de Ciências e Biologia, sempre utilizei o desenho como ferramenta didática. Acreditava que pela prática dessa forma de linguagem, tão próxima da criança e do adolescente, proporcionava maior compreensão do conhecimento científico, por vezes, tão árido ou complexo. Os alunos desenhavam com naturalidade e prazer tudo aquilo lhes era apresentado como conteúdo da disciplina. A observação dos pequenos detalhes morfológicos era sutilmente trabalhada e um mundo fantástico gradativamente se lhes abria aos olhos e, não raro, vi despertar vocações para as ciências biológicas e para as artes. Eu percebia que dessa forma, eles aprendiam e fixavam os conhecimentos recém-adquiridos com mais facilidade. Na época, senti a necessidade de sistematizar algumas lições elementares de desenho de observação como material de apoio, mas esse projeto não se realizou por falta de condições para uma pesquisa mais apurada.

Terminada essa etapa de vida, tive a clara visão de que poderia me dedicar integralmente à realização do antigo sonho, o das artes plásticas. Busquei então conhecimentos dessa área na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, bacharelando-me em Pintura, em 1992. Foi nessa época que pude conhecer e dimensionar o espaço ocupado pela arte figurativa em todos os tempos e, especialmente, nos períodos em que floresceram as escolas naturalísticas do século XIX. Especial atenção dava a esse estudo, pois intuía que ali estariam os fundamentos da ilustração científica contemporânea.

Em 1989 foi criada no Rio de Janeiro a Fundação Botânica Margaret Mee (FBMM), infelizmente sem a presença de sua inspiradora, falecida no ano anterior, mas cumprindo seu mais forte desejo: a perpetuação de sua obra através da formação de novas gerações de artistas botânicos. Buscando me informar cada vez mais, tomei aulas com as ilustradoras Simone Ribeiro e Dulce Nascimento. Treinando a mão, me candidatei ao programa de Bolsa Artística promovida pela FBMM em 1997, sendo a artista escolhida para aquele ano. A partir daí iria finalmente adquirir as bases técnicas da ilustração botânica, através do dedicado e brilhante trabalho de Christabel King, instrutora no Royal Botanic Gardens¹, e o conhecimento mais aprofundado dessa forma de arte: sua história, seus expoentes e métodos. O curso de aperfeiçoamento foi, sem dúvida alguma, uma das felizes

¹ Situado em Kew (região metropolitana de Londres) onde foi criado o projeto Margaret Mee Amazon Trust, que recebe o artista nacional ganhador do concurso anual, fornece a bolsa auxílio e o treinamento técnico por cinco meses, com um instrutor(a) por eles designado.

conquistas de minha vida e satisfiz plenamente as expectativas. Por cinco meses respirei arte botânica, visitei museus, galerias e pude apreciar obras originais de importantes ilustradores como Miss Drake, Redouté, Francis Bauer e Ehret.

De volta ao Brasil me senti envolvida com o projeto da FBMM e, ao lado do campo profissional a ser conquistado procurei, logo no início, criar condições para transmitir a outras pessoas esses conhecimentos. Em janeiro de 1998 busquei espaço no Jardim Botânico Municipal de Curitiba que gentilmente abriu suas portas ao meu trabalho e em suas dependências foi criado o Curso Livre de Ilustração Botânica. A partir daí uma série de acontecimentos se sucederam como: reportagens, cursos livres, artigos em revistas, exposições, concursos, criação de um centro de pesquisa e ensino — Centro de Ilustração Botânica do Paraná (CIBP)² — enfim, indícios que, sem sombra de dúvida, denotavam o surgimento de um movimento artístico regional, como parte de um movimento artístico nacional já existente.

Pela experiência adquirida nos últimos 10 anos, através da organização e implementação do Curso Livre de Ilustração Botânica no CIBP, pude sentir as necessidades básicas de um principiante e o antigo projeto de elaboração de material didático agora se concretiza. Procuro repassar ao aprendiz, de forma simples e direta, desde conceitos elementares do desenho e da pintura, até assuntos específicos da área do ilustrador botânico, como a melhor maneira de compor uma prancha, encaminhamentos para representação das diferentes texturas dos vegetais, aspectos éticos e profissionais do trabalho. Sendo relato de experiência pessoal, todas as práticas descritas refletem apenas uma das muitas maneiras de se desenvolver um trabalho e, de forma alguma, podem ser consideradas conclusivas. Este material deve, portanto, servir de provocação para questionamentos, para trocas de experiências, revisão e complementação, partindo do princípio que as ideias são colocadas para serem discutidas, testadas, antes de serem ou não acatadas.

Este livro – iniciativa simples e honesta de quem quer apenas dividir as conquistas pessoais nesse campo, não somente por ela, contribuição cultural em si, mas pelo simples prazer de compartilhar as deliciosas horas que passo desenhando e pintando – destina-se, especialmente, aos desenhistas amadores, aos artistas gráficos e plásticos, aos amantes da flora, aos estudiosos da Botânica e a todos aqueles que, por necessidades profissionais ou não, queiram se especializar nesta forma de expressão artística, onde o figurativo naturalístico é a base e ponto de partida e a busca da perfeição uma meta, como tão bem expressa Van Gogh.

É uma coisa admirável olhar um objeto e achá-lo belo, pensar nele, retê-lo, e dizer em seguida:

Vou desenhá-lo, e trabalhar então até que ele esteja reproduzido.

Naturalmente, contudo, esta não é uma razão para que eu me sinta satisfeito com minha obra, a ponto de acreditar que não precisaria melhorá-la. Mas, o caminho para fazer melhor, mais tarde, é fazer hoje tão bem quanto possível e então naturalmente,

haverá progresso amanhã.

(Vincent van Gogh . *Cartas a Theo*. Abril, 1882).

² Associação cultural sem fins lucrativos criada em 2000, juntamente com outros oito ilustradores paranaenses oriundos do Grupo de Ilustração Botânica de Curitiba, formado por Simone Ribeiro em 1995.